

DURANTE O JOGO DO GAMA, SOBROU PARA A MÃE DO JUIZ

Vamos ganhar esse jogo, Gamão! Tô aqui torcendo por vocês, viu?"

Os gritos de ISABEL na arquibancada do estádio Bezerrão são de estalar

os ouvidos. Aos 65 anos, esta cearense de Crateús mora no Gama desde 1961. Começou a torcer pelo principal clube da cidade em 1998, quando o time venceu a série B do Campeonato Brasileiro. Começou e não parou mais.

Em dias de jogo, ela aproveita para ganhar algum dinheiro com **COMÉRCIO INFORMAL**. Leva um isopor cheio de refrigerantes para vender no estádio. Vendeu algumas latinhas para a caravana de Vila Planalto. Muito falante, ela gosta de contar como conseguiu o primeiro emprego e por que recusou o convite de almoçar com o presidente Juscelino Kubitschek.

Com a palavra, dona Isabel Rodrigues de Souza:
Nasci no Ceará, na cidade de Crateús. Cheguei em Brasília no ano de 1961 para procurar serviço, porque no meu lugar não tinha. Demorei seis meses para conseguir emprego. Mas meu primeiro trabalho foi Juscelino quem me deu.

E fui lá no Palácio do Planalto. Era solteira e meu cabelo batia abaixo da cintura. Quando chegou para falar com o presidente, era por volta das 11 da manhã. Um sol quente de danar.

Em frente ao Palácio tinha dois policiais, cada um com uma metralhadora. Aí eu falei:

— Quero falar com Juscelino.

E um deles respondeu:

— Mas você é muito bonita.

E eu era bonita mesmo.

— Você não vai falar com o presidente, não. Você vai é casar comigo. Eu sou solteiro, tenho estudo, ganho bem...

— Vai procurar outra para casar, rapaz. Eu não quero casar com ninguém, não. Eu quero é arrumar um emprego.

Eles começaram a prossseguir, e eu fiquei caladinha. Quando vi, foi o Juscelino descer com um bocado de general atrás. Ele só fez mandar o povo abaixar as metralhadoras:

— O que é que você deseja, minha filha?

— Vai, Gamão. Vai, Gamão. Agora! Eêêêê! Goooool! É goooool! Gol do Verdão. Meu time vai ganhar este jogo!

O Gama marcou um a zero, depois de um gol contra o Brasília. Isabel gritou e aplaudiu por 15 minutos, até retomar a história.

Pois, sim. Aí, Juscelino perguntou:

— O que é que você deseja, minha filha?

— Presidente, vossa excelência: eu tô precisando de um emprego. Eu sou solteira, moro na casa dos outros, não tenho pai, não tenho mãe e tô precisando de serviço.

Ele só fez tirar aquela caneta de ouro dele e escreveu num papel. Disse para eu começar a trabalhar no outro dia, no Ministério do Trabalho. O presidente ainda falou:

— Vamos descer comigo, que eu vou levar você lá onde vou lhe empregar.

— Não, vossa excelência. Pode deixar que eu sei onde é.

— Não. Eu faço questão de lhe levar.

— Mas, presidente: vossa excelência vai almoçar agora.

— Você almoça comigo. É minha convidada.

— Não, presidente. Tô sem fome. Obrigada.

Ô, menino: só não fui porque fiquei com vergonha. Foi besteira minha, né?

Depois de rir da própria história, Isabel irritou-se com o juiz da partida.

— Vai roubar assim lá longe! É muito ladrão esse juiz!

Apesar das queixas de Isabel, o árbitro Paulo César de Sena teve atuação irretocável naquela tarde de domingo. Experiente, ele nem ligou quando Isabel xingou a mãe dele com adjetivos impudicamente. Foi para a casa dos pais e deu um beijo no rosto de dona Maria.

COMÉRCIO INFORMAL

Ambulantes, camelôs, quiosqueiros. Fugindo do risco ou tentando legalizar a atividade, os trabalhadores do comércio informal estão fixados em todo o mapa do DF. Pesquisa recente do Instituto Fecomércio mostra que 21% dos comerciantes de rua são ambulantes e ganham a vida em carrocinhas, kombis ou caminhões que vagam pela cidade à procura do melhor ponto. Ceilândia é o reduto principal dos comerciantes de rua. Moram lá 21% dos entrevistados e trabalham no mesmo local 16%. Mas eles estão presentes em todo o DF. Como Isabel, quase 5% dos comerciantes de rua moram na cidade do Gama. Vendem todo tipo de produto. Os alimentos correspondem a 46,7% do total. Mas o brasiliense não mata só a fome na rua. É nas calçadas que boa parte da população escolhe o que vestir. As confecções monopolizam 12,7% do acervo dos comerciantes de rua. As bijuterias e o artesanato aparecem com 5,6% e 3,4%, respectivamente.



ISABEL DE SOUZA VAI AO ESTÁDIO BEZERRÃO DESDE 1998, QUANDO O GAMA FOI CAMPEÃO DA SÉRIE B DO CAMPEONATO BRASILEIRO: "É MUITO LADRÃO ESSE JUIZ!"



MARIA DA CONCEIÇÃO PASSA O DIA NA CADEIRA DE RODAS E FAZ FISIOTERAPIA DUAS VEZES POR SEMANA

E A MÃE DO JUIZ NÃO SE IMPORTA MAIS COM OS XINGAMENTOS DOS TORCEDORES

Ser mãe de juiz de futebol é torcer, sempre, pelo time da casa. MARIA sabe bem o que é isso. "Quando o time da casa perde, a torcida costuma descontar tudo no pobre do árbitro. Quando ganha, a gente pelo menos sabe que o filho vai voltar inteiro", brinca.

Maria da Conceição Rodrigues de Sena tem 64 anos. Ela costuma acompanhar pelo rádio os jogos que Paulo César apita pelo Campeonato Brasiliense de Futebol. Assim como o filho, ela não se importa com os palavrões da torcida. "Se me xingam de pé u tê a, não tem problema, porque nunca escolhi essa profissão. Podem me xingar à vontade", provoca.

Ela chegou ao Planalto Central em 1961. Não gostou do que viu. Preferia a querida São Paulo, onde viveu até os 24 anos. "Tudo aqui era muito difícil. Quando dava um ventinho, era aquele redemoinho de areia em cima da gente. Comi poeira até não querer mais."

Depois de 40 anos, ela ainda não se acostumou com o Planalto Central. "Fiquei aqui à força, porque meus filhos adoram este lugar", afirma.

Maria acompanhou o crescimento de Taguatinga, onde vive com o marido. Ela lembra de momentos que considera importantes para a história da cidade. "Os peões estavam colocando os primeiros montes de terra para fazer a avenida Hélio Prates. Aqui não havia nada disso, meu filho."

Como não tinha emprego fixo, Maria fazia bolo de fubá para vender na rua. Ela peregrinava pelos canteiros de obra da cidade. "Alimentei os peões que construíram esta cidade", orgulha-se.

Quando não fazia bolo, Maria trabalhava de mascate. Andava Taguatinga inteira com uma sacola de roupas nas costas. Não sobrava uma peça.

A mulher que cruzava a cidade a pé hoje tem dificuldades para andar. Ela sofre de hidrocefalia (*acúmulo de água no crânio*), doença que há um ano comprometeu o movimento das pernas. Maria passa o dia numa cadeira de rodas. Mas não reclama da vida.

Duas vezes por semana, é levada pela cunhada a uma clínica de fisioterapia, na área central de Taguatinga. Chega por lá falando alto e arrancando sorrisos de pacientes sofridos como ela.

Atravessa o corredor e chega ao fundo da clínica, onde já é esperada por uma equipe de especialistas. Com o olhar peralta de quem sabe ser feliz sem fazer força, Maria grita para a fisioterapeuta:

— Mirelle, estou famosa! Vou aparecer no jornal!